



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do decreto que regulamenta a Lei sobre Sistema Unificado de Atenção à Saúde Agropecuária e da mensagem encaminhada ao Congresso Nacional de Projeto de Lei sobre Previdência Rural**

**Palácio do Planalto, 31 de março de 2006**

Meus queridos companheiros ministro Miguel Rossetto, ministro Jaques Wagner, ministro Patrus, ministro Nelson Machado,

Meu caro Guedes, nosso secretário-executivo do Ministério da Agricultura,

Deputados Orlando Desconsi, Assis do Couto e Anselmo de Jesus,

Meu querido companheiro Manoel dos Santos, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura,

Meu caro Rolf, nosso querido presidente do Incra,

Funcionários dos Ministérios que compuseram essa engenharia para podermos fazer este projeto e o decreto,

Trabalhadores e trabalhadoras,

Só foi possível estarmos hoje aqui anunciando tanto esse projeto de lei, que muda a questão da aposentadoria para dar garantia definitiva aos trabalhadores assalariados, quanto o decreto que cuida de permitir que os nossos produtores rurais possam comercializar os seus produtos fora das fronteiras municipais, por uma coisa chamada transversalidade, que foi uma proposta surgida da companheira Marina Silva. A proposta permitiu que a gente não definisse uma coisa no Ministério e, quando aquele Ministério concluía, passava para o outro, quando aquele outro concluía, passava para o outro, ou seja, muitas vezes, por desconhecimento ou por falta de conversa, as



coisas demoravam um ano num Ministério, depois demoravam um ano no outro, um ano no outro e terminava o mandato de um presidente e as coisas não estavam concluídas. Só foi possível porque nós colocamos juntos, na mesma mesa, todos os Ministérios envolvidos com a solução do assunto. E podemos apresentar o resultado final agora.

Lógico que esse projeto de lei vai em caráter de urgência para o Congresso Nacional. Se no começo de julho não tiver sido votada ainda a parte que diz respeito à aposentadoria dos assalariados, nós vamos ter que fazer uma medida provisória para garantir que os trabalhadores não percam os seus direitos.

Essa é uma coisa extremamente importante e eu queria agradecer aos ministros que se envolveram nisso diretamente. Não posso mais agradecer ao Graziano, porque ele já está, a esta hora, em Roma, preparando-se para ir para Santiago do Chile, porque ele passou a ser o representante da FAO para a América Latina, o que foi uma conquista enorme de toda a dedicação que o Graziano teve no governo e fora do governo, e a dedicação que ele tem na discussão da questão da segurança alimentar.

A segunda coisa, Manoel, é que é sempre gratificante, nem todo governo gosta de ver um dirigente sindical reivindicar. Veja, se nós fôssemos reparar bem, a nossa vida é um eterno reivindicar. De quando a gente nasce, até quando nós morremos, não tem um dia em que a gente não reivindique alguma coisa de alguém, em algum momento. Não tem um dia. Na relação familiar nós reivindicamos todo santo dia, na relação de companheiros nós reivindicamos, até jogando bola – de vez em quando o cara grita: “passa a bola”, ou seja, não deixa de ser uma reivindicação. Se todo mundo entendesse assim, seria muito mais fácil estabelecer a relação com o movimento social, que cobra sistematicamente dos governos as coisas todo santo dia. É normal e tem que ser visto assim, para que a gente possa criar um novo padrão de relação entre o Estado brasileiro e a sociedade brasileira.



E houve um avanço excepcional na confecção das pautas de reivindicações. Aqui, possivelmente, o Wagner e eu, como dirigentes sindicais, o Miguel Rossetto, de uma turma mais nova do que a nossa, estávamos habituados sempre, naquele tempo nós definimos o sindicato como um órgão de contestação. Quanto mais a gente contestava, melhor. E eu digo que, a última vez que eu contestei muito fortemente, foi uma pauta de reivindicação que eu fiz em que a gente colocava 83% ou nada. Ficamos sem nada, quando, na verdade, entre o nada e os 83% tinha uma quantidade enorme de possibilidades da gente fazer um acordo. Onde é que eu acho que houve a evolução? A evolução, Manoel, aconteceu porque hoje o movimento sindical não está preocupado em apenas reivindicar e apresentar uma pauta. O movimento sindical já não tem mais proibição de entrar no Palácio. Você, o Urbano – o Urbano está aqui, foi presidente da Contag também – quantas vezes, na história de vocês, vocês conseguiram trazer um trabalhador para entrar dentro do Palácio para reivindicar, para discutir com ministro, para fazer pauta, para aprovar pauta, para contestar? Raras as vezes. Isso, agora, se tornou um hábito normal. Muitas vezes eu procuro um ministro, quanto eu chego lá, não tem ministro, tem um dirigente sindical – ainda não sentado na mesa do ministro, mas está próximo à mesa do ministro.

Então, a evolução é porque além de preparar a pauta de reivindicação, oriunda do acúmulo da experiência de luta de vocês no movimento social, vocês muitas vezes têm ajudado o governo a construir a solução para o problema. Não é mais aquele tempo, comodismo da minha época em que a gente reivindicava e pronto. Não! Muitas vezes eu tive a oportunidade de participar de muitas reuniões contigo, de participar de reuniões com outros movimentos, é que a preocupação, além de entregar a pauta de reivindicação, é sentar para tentar encontrar uma saída, seja junto com o ministro, seja junto com o presidente, seja junto com o Congresso Nacional, ou seja, vocês não se negam a ficar batendo na mesma tecla: eu quero isso, e só isso. Vocês, não.



Vocês evoluíram para compreender o limite da reivindicação, mas também o limite das possibilidades do entendimento, levando em conta que, muitas vezes, não depende de um único fator, depende de vários fatores para você conseguir aprovar uma coisa importante.

E, possivelmente, os nossos amigos da imprensa, fotógrafos, câmeras e jornalistas já viajaram muito o interior, já colocaram mochila nas costas, e muitas vezes a gente chega numa cidade pequena do interior: “ah, que queijo gostoso, eu vou comprar um queijo”. Pára numa barraquinha, daquelas na beira da estrada, come um queijo, come um pé-de-moleque, come uma goiabada, ou seja, tem sempre um chouriçozinho para a gente experimentar e você sai dizendo: por que isso a gente não encontra em Brasília? Por que não encontra lá na capital de São Paulo, de Minas Gerais, de Salvador, por que a gente não encontra? Por causa disso. Porque a autorização era só municipal. Então, você via aquele salame delicioso, porque toda vez... Eu ganho muitas cestas de alimentos de presente. Eu, se fosse guardar tudo, era capaz de ter mais dinheiro que a Conab, tudo junto. Ou seja, eu ganho muita cesta de alimento, salame, mortadela, presunto, queijo, e a gente fica pensando: por que eu entro num supermercado importante e não vejo essas coisas que a gente adora, que a gente gosta, até aquela cuca gostosa que faz lá pelos italianos do Rio Grande do Sul, por que você não tem? Por causa dessa maluquice de entendimento de tomar as decisões aqui de Brasília, achando que Brasília pode enxergar a complexidade com que se dá a dinâmica produtiva brasileira e as necessidades das pessoas.

Então, com isso que foi feito agora, o que vai acontecer? Uma vez aprovado no município, obviamente com a fiscalização do Ministério da Agricultura, um companheiro pode pegar as coisas que ele produz no seu município e vender em qualquer lugar. Aquele queijinho de minas, Patrus, não vai precisar vender só em Guaxupé ou Santos Dumont. Qual é a tua cidade? Bocaiúva, Ituiutaba. Não, agora, o cidadão que produz lá e estiver reconhecido,



pode vir vender aqui em Brasília para os mineiros de Brasília comerem o queijinho que eles podiam comer lá. Isso tem uma gratificação pessoal para mim, porque em todas as caravanas que eu fiz, essa era uma das reivindicações que as pessoas mais faziam à caravana. E agora estamos conseguindo concretizar essa coisa que eu acho que é um avanço extraordinário. Lógico que o avanço não vai se dar do dia para a noite, ou seja, é um processo dos trabalhadores irem ocupando agora os seus espaços e ocupando as prateleiras dos supermercados, dos shoppings, ou seja, eu acho que a gente vai colher resultados extraordinários nos próximos anos.

A última coisa que eu queria dizer para vocês é que hoje, por conta da legislação, que não fui eu quem fez, termina o prazo para que os companheiros que são ministros e querem ser candidatos a alguma coisa deixem o governo. Eu não sei se a lei é certa ou não, mas ela existe, então hoje eu tenho dois companheiros aqui que... já recebi a carta deles, o Wagner e o Miguel Rosseto. Obviamente que são companheiros da maior grandeza, companheiros por quem eu tenho um apreço enorme, e outros que vão sair, que já vai ser publicado no Diário Oficial. E eu acho importante porque os companheiros definiram ir à busca de nova disputa, de enfrentamento de novos obstáculos. Eu tomei por bem não ficar pedindo, até pela amizade pessoal que eu tenho com cada um, para continuarem. Eu só posso desejar a eles toda a sorte do mundo naquilo que eles se propuserem a fazer a partir de agora. Certamente uns ganharão, certamente outros perderão, mas, independentemente disso, nós seremos gratos pelo trabalho que todos prestaram, aqui, nesse tempo que estiveram servindo ao povo brasileiro como ministros.

Não pensem que é fácil a despedida de um companheiro, é sempre muito difícil, é sempre muito complicado. Eu tomei como decisão, na maioria dos casos, manter os secretários-executivos, para que a gente não perca a continuidade, porque nós não estamos mais na época do plantio, nós estamos na época da colheita. Então, nós não temos que comprar nenhuma máquina



nova, nós não temos que ficar mais fazendo, como chama, o manejo da terra, ou seja, nós plantamos há três anos, adubamos essa terra, agora estamos em época de colheita. Então, se o pessoal já está trabalhando lá, já plantou, já capinou, já tirou todos os carrapichos que tinha, aquele matinho baixo que não deixa... já que nós limpamos a área e agora está na hora de fazer a colheita, nós, na maioria dos casos, manteremos a continuidade do processo, para que a gente não comece tudo de novo.

Se a gente colocar em determinados Ministérios pessoas que vêm de fora, até montar toda a equipe, até tomar pé de tudo que está acontecendo, nós vamos ter alguns problemas sérios. Obviamente que tudo isso que eu estou falando não vale para a política, porque é para o cotidiano da relação com o Congresso Nacional, com os partidos políticos, que tem que ter um ministro com a visibilidade muito grande para isso.

Com relação ao discurso do companheiro Manoel dos Santos, Mané na intimidade, dizer ao Manoel o seguinte: Manoel, um presidente da República, ele não tem o direito de reivindicar ser candidato, até porque ele já é presidente, ele não tem que reivindicar. Essa coisa, ela pode ser ou não construída e nós temos muito tempo pela frente ainda. Eu poderia te dizer o seguinte, Manoel: é que um sonho que eu tenho e o meu grande desejo não é o de ser candidato outra vez, o meu grande desejo é poder, ao terminar o meu mandato, comparar o que nós fizemos para o povo pobre deste país com tudo que foi feito antes. E medir para ver se houve ou não uma evolução.

O que aconteceu na agricultura familiar? Eu que a conheço há muitos anos, porque percorro este Brasil há muitos anos, eu acho que nós, certamente, teremos muita coisa para fazer, Manoel, mas já fizemos uma pequena revolução na agricultura familiar. Não apenas no atendimento das reivindicações mas, sobretudo, na relação de irmandade, de confiança que nós estabelecemos entre nós, a ponto de nós nos tratarmos como companheiros. Não tem nada mais sagrado na relação humana do que alguém ser eleito presidente da República e perceber que depois de três anos e quatro meses de



exercício da Presidência, ainda não deixou de ser a referência de companheiro que nós éramos antes de eu ser presidente da República. Esse é um valor que eu considero incomensurável, extraordinário, porque demonstra que o poder não subiu à minha cabeça e muito menos o poder fez com que houvesse distanciamento meu e dos companheiros que, no fundo, no fundo, é para onde eu vou voltar quando sair daqui. No fundo, no fundo, eu posso espremer daqui, espremer de lá, mas quando eu for olhar os meus companheiros, eles estarão no meio de vocês. Então, é para lá que eu tenho que retornar, não mais para fazer caravana, porque a idade não permite, mas certamente nós temos muita coisa para construir no Brasil.

Então, eu fico feliz, Mané, quando você fala: “bom, já atendeu algumas coisas nossas.” Eu acho que já atendemos algumas coisas, faltam outras, e é um processo de eterna conquista, de eterna reivindicação, nós vamos atendendo na medida do possível, mas eu quero que vocês saibam o seguinte, quero que vocês compreendam o seguinte: mesmo quando nós tivermos que dizer não a uma reivindicação, será dito com a mesma lealdade e com o mesmo grau de companheirismo se estivéssemos dizendo sim, porque se não for assim a gente não mantém essa relação de confiança.

Eu sei do discurso que vocês têm que fazer quando voltarem para a base de vocês, porque eu também já fiz muito discurso. Eu sei que às vezes nós temos que prestar contas para a nossa gente, mas esse prestar contas para a nossa gente também significa a oportunidade para a gente poder ir politizando as pessoas, ir fazendo as pessoas compreenderem os limites das possibilidades que cada um tem.

Quero te dizer que termino esta semana feliz pelo que aconteceu hoje, aqui, e vou deitar a cabeça no travesseiro hoje tendo consciência de que demos mais um passo para melhorar a vida do povo trabalhador e das mulheres trabalhadoras deste país.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.